

**SMS**

(Considerar que a validade das coisas  
passa  
por um código de barras  
e  
o cair da tarde  
abre  
a história precipício)

### **Maria Zé Povo dos Santos**

Maria Zé Povo dos Santos  
caminha no meio da rua.  
Vai compenetrada na vida.

Ela pensa no gargalo  
da garrafa da cerveja

preta – doce -

que tomava quando teve seu primeiro  
filho. Morto nas mãos da polícia.

A cerveja - era lenda? -  
enchia seu peito de leite. O leite  
enchia seu peito de espera. Esperança  
cavada nas covas do rosto do filho  
que sorria.

(Maria Zé Povo dos Santos  
todo dia acorda aos prantos  
recolhe a angústia em caixinhas  
e a saudade em álbuns  
de fotografia)

Maria Zé Povo dos Santos  
caminha pela avenida.  
Vai ao ponto de ônibus e na carga  
dos seus ombros organiza-se o dia.

Vai sozinha entre tantas. Oprimida  
entre o trabalho, o transporte e a retina  
capaz de enxergar mentiras

a quilômetros. Maria Zé Povo dos Santos  
constrói países e lidera  
famílias.

É por isso que ela anda  
compenetrada na vida

### **Porque não tenho medo de barata, é só o nojo**

Eu era criança quando vi baratas invadindo minha rua.  
A Vila Cristina ficou cheinha delas.

Eram tantas que ao invés de tentar  
matá-las, fugir para dentro de casa  
ou qualquer outra atitude covarde  
corremos pra a rua, para vê-las mais  
de perto.

Por cima da nossa cabeça,  
abutres nos vigiavam

salivando nosso sangue  
torcendo pelos ratos  
que entravam e saíam dos becos

Eu vi as baratas batendo-se  
enquanto o gato pulava  
mil telhados e ia longe

de barba e cabelo feito.

## **A alma do negócio**

*“Engajado desde o berço  
não esqueço de onde eu vim.  
Minha rima não tem preço  
tem começo, meio e fim”  
Clã Nordeste*

Poesia não é flor que se cheire.  
E por isso os jornais a evitam  
e publicam o inverso:  
eterno tédio  
dos assassinos em série,  
genocídio, infanticídio  
e outras patifarias com e sem código de barras.

Poesia não é flor que se preze.  
E por isso os jornais a evitam.  
Em seu lugar publicam meninas  
abraçada aos seus bichinhos  
de pelúcia.

Poesia não é flor que se regue.  
E por isso os jornais a evitam.  
Na segura de suas folhas  
nenhuma gota de lirismo  
pinga.

Poesia não é flor que se encontre  
na rua.  
E por isso os jornais a evitam.  
Ainda que no asfalto outras breves  
se insinuem.

O poema se nutre de espanto.  
(não se vende espanto em caixinhas)  
Por isso, no auge do canto  
quando o poema emerge do manto  
de surdez e indiferença  
que o protegia,  
aí então ele ganha

seu lugar ao sol  
(mas ganha uma caixa minúscula).  
O vetor da obra ganha  
o poeta  
perde a poesia.